

ANNO I

RIO DE JANEIRO

N.



Offerece

REVISTA

o Presidente DA SOCIEDADE

PHENIX LITTERARIA

Carilla Puma
PUBLICAÇÃO MENSAL

COMISSÃO DE REDACÇÃO

Rodolpho Paixão, Urbano Duarte, Dantas Barreto,
Licínio Cardoso e Pedro Ivo

JANEIRO DE 1878

RIO DE JANEIRO

TYPOGRAPHIA DO IMPERIAL INSTITUTO ARTISTICO

Rua d'Ajuda n. 61, chacara da Floresta.

Rua de S. José n. 110.



4171
52

REVISTA

DA SOCIEDADE

PHENIX LITTERARIA

SUMMARIO:—Apresentação.—A^o proposito da chamada poesia scientifica, por U. D. O.—Recordações do Paraguay, por D.—Poesias: Soneto, de K.; Vinte e tres annos, de Rodolpho Paixão; O Gaúcho, por Favilla Nunes; o Plebeu e a fidalga, por Dantas Barretto; Na roça, por Favilla Nunes.

Apresentamos ao publico o 1^o numero da revista mensal da sociedade—PHENIX LITTERARIA.

Jovens, cheios de crença e tendo por divisa o amor ao trabalho, nos atiramos á luta grandiosa das idéas, afim de que possamos concorrer com modesto contingente para o engrandecimento de nossa patria.

Reconhecemos ser grande temeridade a publicação de uma revista litteraria entre nós, onde o egoismo de uns e a indifferença de outros, asphyxiam, ao soltar os primeiros vagidos, qualquer creação tendente ao desenvolvimento d'este povo, cujo nivel moral e intellectual parece baixar quotidianamente.

Mas, não importa que ao desprender o primeiro vôo, sejamos arremessados ao chão: restar-nos-ha o consolo de,

não nos terem esmorecido, as contrariedades, que sóem apparecer na senda que vamos trilhar.

Promettemos trabalhar e trabalhar muito para mensalmente apresentarmos ao publico a revista, e delle esperamos a indulgencia necessaria áquelles que têm por unica recommendação a boa vontade, e por atavios a singeleza da linguagem.

Oxalá que as auras fagueiras da felicidade, bafejando-nos a fronte, tragam-nos o alento necessario ao proseguimento de nosso fim e ao bom exito de nossos esforços.

A REDACÇÃO.

A' proposito da chamada -- poesia scientifica

I

Será talvez audacia virmos hoje, sem autoridade alguma votar um protesto contra um impavido radicalismo que invadiu parte de nossa mocidade estudiosa, e que, coadjuvado pelas auras libertinas da nossa indole, vai-se ingerindo affoutamente em questões que aliás jazem em terreno neutro, taes as que se referem ás bellas-artes, que pretendem derribar de seus traditionaes alicerces, construindo novo pedestal que pensamos jámais existirá.

Dizemos estar convencidos do erro radical em que laboram aquelles que, possuidos ou possessos de um soberbo methodo positivo que é a gloria scientifica do nosso seculo, arrogam-se tambem o direito de chamar á seu gremio as musas innuptas da arte e da poesia para aprenderem um novo methodo de canto, e dar-lhes um novo plectro destinado á arrancar da lyra notas mais firmes, mais accentuadas, mais graves, mais serias; e applicar-lhe um remedio

eficaz contra os loucos transviamentos da phantasia, proprios para engodar crianças.

Essa nova escola ha de propagar-se com espantosa rapidez em todas as cabeças refractarias ao bello, em todos os temperamentos impermeaveis á poesia; e é por esse motivo que vimos assumir um posto de combate, e allegar considerandos que moderem um pouco o furor dos que dão por definitivamente concluida a era dos trovadores. Essa incruenta polemica de gabinete nem por isso deixa de ter a gravidade que o seculo outorga á todas as especulações do espirito, sob os auspícios desse altissimo criterium, filho legitimo da liberdade, o qual sellando de uma vez o exclusivismo e a vaidade, entrou em nosso tempo tendo na frente o emblema do genio da humanidade, no coração a imagem do Christo, nas mãos o sceptro da razão e o dogma da caridade, na physionomia a benevolencia e a tolerancia e na retina dos olhos a impressão luminosa de alguma coisa que scintilla por entre as nevoas espessas do futuro.

II

Alinhavaremos um arrazoado á vol-d'oiseau, com bem receio de que nossa rethorica succumba obsessa n'um quadrado de erudicção cerrada, em que a pobre tenha de entregar-se com armas e bagagens, e em jejum.

Mas, por fraca e impotente que seja, ella, a nossa rethorica, está convencida do que diz e não tem medo de fosquinhas; e como póde ella parecer nebulosa aos que tem constantemente engatilhado o — porque — sobre a bocca daquelles que discorrem sobre qualquer assumpto, á esses aqui vai a resposta, á guiza de profissão de fé. O espirito do homem, resumo, synthese de toda a natureza animada, ultima e suprema de mão da força creadora, o espirito do homem, quer queiram quer não, é essencialmente methaphysico. Essa palavra tomamola sob sua genuina acceção, perfeitamente expurgada de escolastica; essa sublime e irresistivel curiosidade que, como diz o Jupiter de Weimar, está na sciencia e fóra della, antes, agora e depois. Para os

antigos não passava ella de uma vasta rede armada pelo raciocinio para penetrar a essencia das causas e como tal ficou systematisada n'um vasto corpo de doutrinas sem unidade, diffusas; obscuras e enleadas n'uma casuistica sem sabida. Hoje, porém, ella existe porque não pôde deixar de existir, porque é a consequencia dessa intuição fatal que nos persegue, genio do ignoto, sphinge phosphorescente e impalpavel que arrasta-nos a intelligencia ao confim das cousas. É basta de preludio.

III

D'onde vêm que ao contemplarmos as madonas de Raphael, o Moysés de M. Angelo, os relevos de Phidias no Parthenon, ao escutarmos as melodias do cysne de Bolonha e dos rouxinões de Zingarelli e Campinas, ao lermos Shakespeare, Hugo, Dias, Varella, d'onde vem que surge á nossa imaginação um mundo magico á transbordar de emoções, estremecimentos, enthusiasmo, illusões, crenças, perfumes, luzes, esperanças? Que incendeia a mente dos mais parcos, que derrama no coração uns choques inefaxeis fazendo esquecer as chatezas da vida?

D'onde vêm que de elementos materiaes, esparsos, contingentes, taes como as côres, o som, a pedra bruta, a linguagem articulada, consegue o homem extrahir aquillo que é a summa de tudo que o entendimento humano pôde attingir, o Bem e a Verdade manifestados pelo Bello, trindade — unidade, harmonia suprema, ideal dos ideaes, Deus?...

A Arte, realisação do Bello; O Bello—esplendôr da verdade, segundo Platão; a Verdade, que não pôde deixar de ser o bem.

O poeta, o artista, em toda a força da palayra, microscopio insciente, predestinado, sente e canta; é mariposa de uma Luz que nós não vemos, nós, burguezes sem ideal; Luz que banha a alma dos eleitos de seculo em seculo, e que para até cá chegar decompõe-se nesse prisma em milhares de variegados raios que vem animar a tela, o marmore, a voz, o papel.

A poesia é um sacerdocio, a sciencia é uma missão. *La science est perfectible, l'art, non.* Confundir no vasto cadinho do progresso scientifico de nosso seculo poetas e sabios, artistas e pensadores é uma hybridação. O Tempo, o infallivel chimico nunca conseguirá realizar completamente tal fusão.

IV

O Bello é o Bello; é uma formula empirica nascida da Imaginação e do Sentimento, duas entidades eternas e profundamente inherentes á natureza humana. Sua theoria está envolvida mysteriosamente nos refolhos d'alma.

A poesia baseada na sciencia é um sonho.

O genio de azas brancas que em noite estrellada sussurra aos ouvidos do poeta as harmonias infindas do vidente; a Poesia da tradição, ora cantando na tuba as epopeias das gerações grandes e fortes, ora tirando do alaude as notas plangentes, lagrimas eternamente crystallizadas, ora dedilhando na lyra os hymnos á tudo o que ha de grande, de nobre e de bom, essa, consolo das misérias mundanas, doce repouso ás frentes amarguradas, refugio ás decepções philosophicas, oasis aos aridos trabalhos da sciencia, fluido mysterioso que reúne o espirito das idades n'um hymno unisono ao Creador, essa é livre, é soberana, é independente. Filha dilecta da Imaginação e do Sentimento, ahi reside sua razão de ser, sua força intrinseca. Querem separar a mãe da filha, interpondo um arsenal de telescopios, microscopios, retortas, pedra, giz, flecha e fosseis ante-deluvianos. A nós parece-nos esse proceder mais absurdo do que as loucas phantasias dos poetas que vêm estrellas ao meio dia e mosquitos por cordas. E' o que procuraremos provar.

U. D. O.

(Continúa.)

(Continua.)

Recordações do Paraguay

POR D.

Com as tres grandes victorias alcançadas pelo exercito brasileiro, de 12 a 18 de Agosto de 1869, o ditador Solano Lopes abandonára a posição (Ascueras) onde havia concentrado toda a força que ainda lhe restava dos destroços de Dezembro do mesmo anno. Então, mais retemperado no crime que nunca, comprehendendo que a sua missão devastadora estava proxima do seu termo, quiz desprender sobre o resto do seu desgraçado paiz os golpes hediondos do assassínio e da deshonra, afim de reduzi-lo completamente a um lugubre cemiterio e a um vasto lupanar. Para isso enviou partidas, verdadeiros bandos desenfreados, para as mais reconditas cidades e villas, onde a sua sanguinaria lança ainda não havia alcançado. Estas partidas eram a expressão do seu implacavel odio, do seu vandalismo. Onde passavam, os seus vestigios eram assombrosos. As pegadas que deixavam eram de sangue dos seus compatriotas. Montões de cadaveres de velhos e crianças, que não os podiam seguir, aquelles porque o peso dos annos embargava-lhes os passos e estes pela verdura da idade, era o espectaculo que a cada passo se encontrava. Moças, ainda ha pouco brutalmente deshonradas, isoladas naquelle deserto que se ia fazendo, muitas já prestes a desprender-se da vida, pela fome, porque tudo lhes haviam roubado, ou pela dôr, ao contemplar o cadaver de um pai, aquelle velhinho que com ellas chorava as desgraças de sua patria, ou de um irmãozinho com quem as vezes brincavam desculosamente; eram as flores da devassidão atiradas áquelle sombrio palco.

O despotismo è assim; ou faz de um povo grandioso que marchava, sempre com a gloria á sua vanguarda, um povo bestial, um povo que se curva até tocar as plantas dos despotas que os opprime e produz uma Roma antiga,

ou faz explosões enormes e com ellas surge um 89. Tem destas alternatixas. Seus effeitos divergem segundo a indole e caracter de cada povo. Se é a Roma dos Cesares, aniquilla-se, torna-se um tumulto descommunal, que só inspira sentimentos de odio e ao mesmo tempo de saudade; se é uma França dos XVIII e XIX seculos, ergue o homem até o nivel dos seus direitos, atirando para longe o peso que a fazia baixar no thermometro dos progressos humanos.

O Paraguay ia, pela mesma causa, exalar o ultimo suspiro.

Entretanto o sentimento de humanidade, que nem sempre nos guiou, levou o commandante do exercito brasileiro a prestar todo o auxilio possivel á diversos povoados, onde o ferro sanguinario das hordas despresiveis não haviam passado ainda.

(Continua.)

Soneto

Um dia te encontrei adormecida,
Deitada no teu leito bem singelo,
E o teu corpo despido era mais bello,
Que o da biblica Suzana estremecida.

A luz... estava quasi amortecida;
Passei a minha mão por teu cabelo...
Suavas... e minha mão que era de gelo,
Tornou-se desde logo arrefecida.

Tu eras muito linda assim dormindo...
Tremendo de receio eu dei-te um beijo;
E tu, qu'inda dormias, mas sorrindo...

.....
Agora, dize ja, não tenhas péjo,
Porque andas tu sempre me illudindo,
E não matas-me logo esse desejo?...

K.

Os meus vinte tres annos

OFFERECIDA AO MEU AMIGO RAPHAEL TOBIAS

Vinte e tres annos de um viver sem norte,
Nas paginas do tempo os olhos vêm !
E as brizas ao passar me dizem—morte!
E o craneo no scismar me diz—além....
Além!... não pares na contenda infinda,
A senda do porvir é longe ainda.

Não pares! que t'importam vis motejos
Da turba que ao nascer o chão beijou?...
Mizerrimos! cegaram-se aos lampejos
Da luz divina que nos céos brilhou.
— Não pares, caminheiro, é cedo ainda,
Na senda do porvir ha gloria infinda.

Ha glorias, ou bem sei, ha louros, palma,
Auréolas cujo brilho me seduz;
Mas que valem loufeiros quando n'alma
Sinto o gelo que ao tumulto conduz?
E o craneo no scismar repete ainda:
Na senda do porvir ha gloria infinda!

Ha glorias... mas qu'importa? si ha delirio,
Se o peito não resiste aos amargores?!
Qu'importa um nome quando atroz martyrio
A vida nos converte em cruas dôres?
E o craneo ainda me diz—na luta infinda,
Avante, viajor, é cedo ainda.

E' cedo, mas eu sinto o desalento,
E o pobre corpo no soffrer baqueia!
E' cedo!... mas qu'importa si o tormento
As forças pouco a pouco me fraqueia?!
E o craneo não contente diz ainda:
— Não temas, viajor, a luta infinda!

Não temas! irrisão, fatal conselho!
Não temas! e a miséria estende a mão,
Saúda o lidador cansado, velho,
De porta em porta mendigando o pão!
E o craneo inda me diz—na luta infinda,
Avante, lidador, és moço ainda.

Moço! moço e não tenho uma só crença,
Não sinto n'alma uma illusão sequer;
Em vida amortalhou-me na descrença,
Mentido amor de perfida mulher!
E o craneo no scismar me diz ainda:
— Avante, viajor, na luta infinda!

Avante, maldição! propicia estrella,
Por entre as trevas, não me guia além;
Avante, sempre avante! e o peito gela,
De frios lábios, o cruel desdem!
E o craneo então me diz—a dôr infinda,
Supporta, viajor, na campá finda.

E' lugubre, meu Deus, a atroz lembrança
De mais a mais o desalento traz;
Deliro! já não tenho uma esperança,
Em lagrimas minha alma se desfaz!
E o craneo já não diz avante, além!
E' tempo, no scismar, cançou também.

RODOLPHO PAIXÃO.

Gaúcho

(S A T Y R A)

Que dizes de quando em quando,
Que teu corse! se alentando,
Rasteja apenas, passando,
As folhas do matagal?

(F. VARELLA).

Eu sou gaúcho d'America!
Filho orgulhoso dos pampas
Devastei todas as rampas
Estribado na razão!

Repontando os infinitos,
Montado nos pensamentos,
Com a justiça nos tentos
Não temi a escravidão !

Lá das florestas nos dedalos
Escanchado no direito,
Tendo os arreios por leito
Escarneci da opulencia ! . . .
E lá nas coxilhas multiplas
Corri nas azas dos ventos
Campeando os pensamentos
Tendo na mála a consciencia !

Dos meridianos fiz rédeas
Lá nas atherneas bibócas !
Fiz da terra massarócas
E cabrestos do equador !
Fiz cama dos Himalayas,
Dos Andes fiz travesseiro ;
Fiz um lençol do pampeiro
E do mar um cobertor !

Manejando a lança, eburnea
Parti espheras umbrosas !
A lua em ancias medrosas
Seu movimento parou !
Das patas do meu ginete
Fiz nascer a antiguidade !
Na garupa a liberdade
Tambem comigo marchou ! . . .

E dos espaços aos osculos
Fiz tremer o mundo todo !
O céu tornou-se de lódo
Ao brilho de meu facão !
E pastoreando as estrellas
Dos minuanos nos collos,
Joguei o laço nos polos
E fiz do mundo chergão !

FAVILLA NUNES.

O Plebeu e a Fidalga

No pincaro da montanha
Despontava meigamente,
Lá das bandas do oriente,
A gentil e branda lua ;
E deitando seus olhares •
Pelos picos dos rochedos
Parecia mil segredos
Contar da romagem sua.

Ao longe rugia a vaga,
Em convulsões, no arêal,
E um canto celestial
Rompeu da noite a tristeza :
Nos ares também os sylphos
Com hymnos harmoniosos
Festejavam graciosos
As pompas da natureza.

Um brando calor passava
Ao pé de airoso granito
Que parece no infinito
Perder o cimo escalvado ;
Ahi no fundo do valle
Se avistava uma casinha,
Como um ninho de andorinha,
N'um plano mais elevado.

Nessa casinha, em que out'ora,
Habitára um pescador,
Então vivia um cantor
Em erma contemplação.
Diziam uns que « era monge »
Aquelle desconhecido,
Outros que « era um perdido
Algum contrito—Don João—»

Rompeu da noite a tristeza
Um canto maravilhoso,
E o ente mysterioso
Fitava a luz do luar...
Era elle ^{que} cantava
Com tanta sublimidade
Que os genios ^{genios} da immensidade
Desciam ^{para} para o saudar.

Amára como Romêo
Uma linda Julieta,
A mais bella violeta
Do jardim ^{jardim} da formosura,
Mas quando ^{quando} as vozes do amor
Echoaram ^{peito} em seu peito
O antigo ^{preconceito} preconceito
Baqueou como a escriptura.

Travou-se enorme contenda
Entre o amor e a riqueza,
Entre a plebe ^{plebe} e a nobreza...
Fidalgos, sem fidalguia,
Que não conhecem affectos,
Que trocam ^{que trocam} por um milhão
As rosas de um coração,
Que comprar não se podia.

Era um soldado valente
O homem desconhecido,
Que pelos grandes ^{que pelos grandes} banido
As suas hostes deixou ! ..
Não tinha brasões, nem titulos,
Que fossem apresentados,
Nos salões atapetados
Destes ^{que} que a sorte afagou....

Então, no valle encantado
Foi exilar-se do mundo,
Com esse sentir profundo
Que causa ^{peito} no peito a dôr;

D'ahi, seus cantos se erguiam,
Sempre ternos e suaves
Como os concertos das aves,
Como os suspiros de amor.

••

Sentio-se um rumor, um dia,
Surdo, pausado, funerio,
E um grupo ao cemiterio
Sua marcha derigia.
Via-se em toda a gente,
Que percorria a cidade,
A dôr, o pranto, a saudade,
O lucto, a melancolia.

Os orgãos das cathedraes
Entoavam tristes hymnos,
E a musica dos sinos
Doce harmonia formava.
Como uma deusa pagã
Que aos ceus antigos subia
Toda de branco se via
A santa que a Deus buscava.

Era a linda Juliãta,
A fidalga generosa,
Essencia de branca rosa,
Que ao empyreo subia ;
Era a agnia dos amores,
Que ia viver com Deus,
Nos vergeis puros dos céos
Onde tudo é poesia.

••

Onde existe ó Christo a lei
Que nos marca a distincção,
Que limita uma affeição
Entre o nobre e o plebeu ?
Não pregaste de tua cruz,
Para toda humanidade
Amor e fraternidade ? . .
De que serve o livro teu ? . .

Por isso vingou-nos Roma
No tempo do velho imperio,
Desde Augusto até Tiberio,
De Claudio ao ultimo, enfim ! . .
Que fallem, do Colisen,
Os grandes gladiadores
Despertando seus amores
Em thronos de alvo marfim...

E sabeis graes essas damas
A quem o liberto ria ? . .
São de alta gerarchia ;
São fidalgas, são patricias !
Procurae-as nos theatros,
Nas thermas, nos lupanares,
E dos deuses nos altares
Em gosos, em mil caricias.

Cala teus sons minha lyra . . .
Vê como o vento suspira
Por entre as folhas da selva ;
Ouve o canto das sereias
Que vagam pelas areias,
Que brincam na verde relva ;

Mas não queiras, com exemplos,
Mostrar que até pelos templos
O pudor ia morrer ! . .
Não lembres os velhos dias
De gosos de mil orgias
De volupia e de prazer.

Silencio.
.
.
Alli passa o desgraçado. . .
Vacilla de instante a instante,
Vai ao repouso d'amente
Resar no seu ataúde.

Vai depôr uma grinalda
Das flôres do sofrimento
— Um hymno de sentimento
Cantar em seu alaúde.

Depois... eil-o que volta
Da prece da madrugada;
Tem a fronte macêrada
Como dos cyrios a côr;
Tem os olhos delirantes,
Percorrem a immensidão;
Mais tarde no pó do chão
Se extingue aquelle fulgôr.

Rio, 1875.

DANTAS BARRETTO.

Na Roça

Adorem outros fidalgas,
Opulentas baronezas,
Ricas filhas de marquezas,
— Moças ricas, de salão.
Meus gostos são mais humildes:
Adoro a linda roceira,
Borboletinha ligeira,
Rainha do meu sertão!

Adorem de ricas damas
Os cabellos ondeantes,
Alvos peitos palpitantes
Cançados pelo valsar:
Eu amo da sertaneja
Do peito o sagrado enleio
E o palpitar de seu seio
Cançado de trabalhar!

Adorem lá nos palacios
O resplendor dos brilhantes,
Luzeiros febricitantes
Que encobrem scenas de horror,

Que eu da pobre aldeia adoro
A rude choça de palha
Onde a virtude se espalha
Em cada scena de amor.

Adorem ricas cortinas
Pendentes d'altas janellas,
Onde s'escondem as bellas
Para os crimes combinar.
Que eu amo a rama florida
Da carcomida mangueira
Que ao desprender-se ligeira
Vai roseas faces beijar.

Gostem dos magos accordes
Dos afinados pianos.
Prefiram tífages ufanos
— Capas do vicio e do mal —
Que eu amo o murmure das aguas,
O canto dos passarinhos
Que revoam junto aos ninhos
No meio do laranjal.

Adorem templos pomposos
Que se elevam na cidade,
Onde não ha castidade
E só reina a hypocrisia !...
Que eu amo tudo que é livre :
No meio do povo rude,
Existe a crença, a virtude,
Santa fé, doce harmonia !

Quero o viver das florestas,
Sentir fremir a cascata
E ouvir quando se desata,
O temporal no sertão !...
Por natureza ser livre,
Gosando d'alma a nobreza,
E no meio da pobreza
Ter alegre o coração.

J. P. FAVILLA NUNES.

ASSIGNATURA

Anno..... 6^o000
Semestre..... 8^o000
Numero avalso..... 6500

Pagamento adiantado

Recebe-se a correspondencia e assigna-se na
Livraria Encyclopedica dos Srs. Maia & Ramos

RUA DE S. JOSÉ N. 113